

comissão para a  
assembleia de revisão  
sobre linhas comuns de pastoral  
bissau

---

Caríssimo/a,

sei que estás bem carregado de trabalho, de maneira especial neste tempo da Quaresma, mas tenho a certeza que irás assumir de boa vontade também o que vai começar com esta carta; trata-se de trabalhar em volta do que representa a motivação profunda do nosso ser e do nosso actuar cá na Guiné: Cristo, na sua Igreja que aqui vive.

Já recebeste a folha de informações "Notícias do Conselho Presbiteral" relativa à reunião do mesmo em 6.12.89. Já sabes por ela que vamos retomar o trabalho que nos viu empenhados há anos, de 84 a 87, em busca de linhas comuns de pastoral que nos dessem possibilidade de um caminho em conjunto na nossa Diocese.

Sendo preciso analisar a nossa situação actual à luz daquilo que nos propusemos fazer com aquelas linhas iniciais, o Conselho pensou que quem animou o nosso trabalho naquela altura e conhece então a dinâmica que a tais linhas levou, estaria nas condições melhores para ajudar quer na sua interpretação, quer na avaliação de sua maior ou menor aplicação e eficácia.

Neste jeito contactei os demais membros daquela Comissão presentes na Guiné. Os que responderam à chamada são os seguintes: Pe. Alves Darcy, Pe. Mário Baruffaldi e Irmã Maria Cifelli. O Conselho Presbiteral, como já sabes, acrescentou o Pe. Maurício Fioravanti de forma a podermos trabalhar em coordenação com o Grupo Dinamizador do Ano Pastoral Especial.

### **1. Qual o trabalho a fazer com a próxima Assembleia?**

Queremos verificar a que ponto estamos no processo de **alcançar um caminho em conjunto a nível de Diocese** sobre linhas comuns de Pastoral, nomeadamente sobre as que concordámos apontar em Maio 1987.

O que quer dizer: não pretendemos ter chegado já a um Plano Diocesano de Pastoral, mas sim queremos ver se demos ou não alguns passos para frente na direcção acima apontada.

Se sim: quais são esses passos? E porquê conseguimos caminhar?

Se não: porquê não caminhámos? O que foi que nos travou, a nível pessoal, de comunidade missionária, de Missão, de Sector, de Diocese?

Para tal iremo-nos confrontar com as conclusões do trabalho empreendido em 1984 e concluído, pelo menos provisoriamente, com a Assembleia de Maio 1987.(1)

### **2. Sentido do que se fez.**

O trabalho a que nos referimos foi originado por uma exigência que se estava a evidenciar desde anos e que foi formulada em Outubro 1983 e assumida pela Diocese em Março 1984. Fazia falta um ponto certo de referência:

-quer para o Pessoal missionário, especialmente para os novos: chegando à Guiné não ficariam sem orientação nenhuma, mas teriam umas indicações, nem que só iniciais, quanto ao rumo a seguir;

-quer para os agentes de pastoral locais (Catequistas etc.), que se encontravam desorientados perante a maneira de actuar por vezes contraditória dos padres: exigiram mais vezes que nos pusessemos de acordo...

### 3.Sua finalidade.

- 1.**Não** um Plano diocesano de pastoral, impossível a traçar na altura;
- 2.**Sim**: uns pontos de convergência iniciais, a saber:
  - a.Constatar que existia algo em que devíamos e podíamos concordar
  - b.Tentar chegar a um acordo, nem que só inicial.

### 4.Seus limites

- 1.Por enquanto envolver só o Pessoal Missionário "stricto sensu": padres, freis, irmãs (doc.1,p.3).
- 2.Afrontar só um número limitado de assuntos, para assentar um ponto de partida elementar, se quisermos, mas válido quanto a conteúdos e reconhecido por todos, além de ser realizável.

---

(1)Os documentos que nos interessam e que temos nas mãos são os seguintes, em ordem cronológica:

- 1.NOTAS INTRODUTIVAS ao documento sobre linhas comuns de pastoral, maio 1987.
- 2.NOTÍCIAS DO CONSELHO PRESBITERAL publicadas em 2.12.1987 e relativas às reuniões do CP de 1.4.87 e 3.6.87.
- 3.DECRETOS promulgados em 8.4.88.
- 4.APONTAMENTOS EM JEITO DE "MEMORIAL" conclusivos do serviço da Comissão Diocesana de Catequese 1985-1987, de 13.6.88

3.Tomar em consideração os problemas julgados pelo Pessoal Missionário como:

- mais importantes
- em que se via mais urgente a necessidade de chegar a um acordo. (Estes primeiros dois pontos foram detectados através de carta enviada ao Pessoal Missionário e das respectivas respostas; ver doc.1,p.2)
- aqueles em que parecia já madura ou prestes a amadurecer a possibilidade de um acordo;
- e que, de qualquer forma, fossem verificáveis, pelo menos em embrião, numa ou noutra entre as realidades eclesiais existentes na nossa Diocese: isso para confiar na possibilidade de sua realização.

Isso tudo resultou numa certa fragmentariedade na redacção final, até porque na própria Assembleia mexeu-se nuns pontos que ficaram assim fora do contexto em que tinham sido pensados.

### 5.Valores.

Apesar de todos estes limites que nos impusémos, dois são os pontos firmes:

1-A Eclesiologia que sobressai por estas linhas é a do Vaticano 2º, do Ordo Initiationis C.Ad.e da Evangelii Nuntiandi: pontos de referência mais do que válidos para neles nos apoiarmos com confiança, sem medo de aventuras, para um ponto de partida comum;

2-O documento em si chegou a ser ladeado, a nível de propostas e de aprovação, infelizmente só em parte a nível de realização, por uma estruturação da Diocese articulada em Sectores e impulsionada por um centro (secretariado diocesano de pastoral; cf.doc.3,p.7) que garantiria o tal caminho unitário a que se queria chegar e a confrontação contínua....

## 6. Reflexão prévia

A este ponto, tendo presente os valores e os limites acima apontados acerca do resultado daquele nosso trabalho, vamos verificar se fizemos uns passos em direcção de um caminho em conjunto para sermos uma Igreja unida. Umhas perguntas preliminares que nos podem ajudar a reflectir, para nos dispor melhor a empreender este novo trabalho, podem ser as seguintes:

1-A finalidade do nosso trabalho de 84 a 87 e até hoje foi de empreendermos um caminho em conjunto como Diocese.

Achas que agora, depois de três anos, conseguiu-se dar algum passo para frente?

Se sim, no que especificadamente? (parece-te haver mais intercâmbio de experiências e entreaajuda entre Comunidades, Missões, Sectores etc.)? E porquê, a teu ver, se chegou até lá?

Se não, porquê não se caminhou?

2-Achas que existe com mais clareza o tal ponto de referência como vem no nº 2 aqui acima?

Se és dos que chegaram à Guiné depois de 1987: foi-te proposto, a nível da tua Comunidade, de Missão ou de Sector o tipo de caminho em conjunto que se está a tentar alcançar? Foi-te dito que existe o tal documento sobre Linhas comuns de pastoral?

## 7 Conclusões

Anexa a esta carta há uma primeira tentativa de ajuda que esta Comissão quer proporcionar-te. Toma-a em consideração e vê se conseguimos arrancar para mais este trabalho.

Pode ser que encontraremos coisas que poderão ser um bocadinho desagradáveis para lembrar um ao outro. O importante é sim ficarmos dentro da Caridade, doutra forma o nosso trabalho a nada serviria para edificação da Igreja; sem esquecer porém que também precisamos de cultivar a verdade, que só nos pode iluminar o caminho a seguir.

Pedindo ao Espírito que nos dê luz e força para trabalharmos para sua Igreja

pela Comissão

---

(pe. José Fumagalli)

Suzana 14.3.90

## Missão Católica de Suzana

---

Respostas ao Questionário da Comissão para a assembleia de revisão sobre linhas comuns de pastoral.

Observações preliminares à premissa do Questionário.

1. Antes de tudo seria bem especificar a que nível o Documento não serviu muito. Se a nível de caminho em conjunto da Diocese, estamos de acordo: até nada sabemos do que acontece nos outros sectores...

Se a nível de clareza de caminho em singulas missões, a coisa muda: de facto consta-nos que ajudou umas missões a caminhar mais em conjunto e com mais entendimento.

2. As razões do não ter servido muito então se devem procurar não só no próprio documento, mas também em causas externas ao mesmo, por exemplo:

-chegados à Assembleia de 87, foi tomado o documento como ponto de chegada e não de partida, ou pelo menos como uma etapa num caminho a prosseguir: o que significou estagnação.

-Faltou a apresentação do mesmo e do seu contexto;

-até não houve informação do decidido no Conselho Presbiteral: só uma informação parcial e com meses de atraso;

-apesar de singulas unidades terem enveredado por um caminho conforme ao espírito de tais linhas, faltou completamente qualquer estímulo, coordenação e animação por parte do "Centro", quer da Diocese quer do Sector (estamos a falar no nosso, naturalmente): se devia continuar o diálogo para que se pudesse começar a aplicar o decidido...

Resposta à pergunta nº 1

a. E' claro, a nível de princípio, que não só é oportuno, mas indispensável.

b. A nível da nossa situação é mais do que oportuno, pelas seguintes razões:

.O tentar chegar a linhas comuns, não impostas, mas brotadas de pesquisa em comum, faz amadurecer as pessoas, faz caminhar as comunidades (evitando estagnação), aproximar as posições e os tipos de trabalho prático (atenção ao homem, desenvolvimento, evangelização) que aos poucos são vistos como contidos num tudo que os integra e complementa (ex. não "evangelização ou promoção", mas sim "evangelização e promoção" ou "promoção na evangelização");

.O pesquisar juntos para chegar a tais linhas traz uma comunicação e troca de experiências mais do que válida, relativiza posições extremas e faz avançar; até faz com que os vários membros do Pessoal Missionário, nem que sejam empenhados em trabalhos diferentes, cresçam numa sensibilidade comum;

.A nossa proveniência de experiências humanas e eclesiais tão diferentes nos pode levar a actuar "reproduzindo" tal experiência anterior: desta forma não nos ajuda, mas sim nos condiciona e cria confusão;

c. é possível sim

.desde que seja devidamente tomado a sério e estimulado, a todos os níveis, o empenhamento na pesquisa e na actuação por parte do pessoal missionário que nela crê e se compromete;

.desde que não se decepcione outra vez o pessoal missionário com silêncios, negligências e actuações apressadas ou superficiais...

.desde que qualquer conclusão positiva que se conseguir não seja tomada como ponto de chegada, mas sim como etapa para uma ulterior caminhada.

#### Resposta à pergunta nº 2

A fraca referência à Palavra de Deus, não só a nível pessoal (indispensável, como todos sabemos), mas também a nível de conjunto, como missões, Sectores e Diocese, nos leva a insuficiências e dispersões constatáveis:

.às vezes condicionamentos económicos, sociais ou políticos nos levam a actuações contraditórias, não só a altos níveis, nem só entre missões diferentes, mas no interior das nossas mesmas missões...

.às vezes o que determina o nosso comportamento e actuação é, como dizíamos, a nossa experiência precedente de Igreja, que nos condiciona: precisamos de mais referência às comunidades neotestamentárias. Nós aqui experimentamos quanto isso seja aceite e exigido até pelas nossas comunidades, e construtivo;

.nos relacionamos e actuamos às vezes impelidos por gosto pessoal, por busca de gratificação imediata, sensível, por "necessidade" de conservar e fazer funcionar determinadas estruturas....

.nem entramos nas culturas quase por medo de não sabermos dar respostas, ignorando que para isso temos caminhos abertos nas cartas neotestamentárias e na literatura dos Padres...

.nós experimentamos que o propor a Palavra viva, apresentada como resposta aos anseios e problemas surgidos nas comunidades a que se dirigiu primeiramente, ajuda muito a se deixar levar por Ela: entra a formar mentalidades, a nortear escolhas comunitárias, a criar novos relacionamentos entre tabancas...nem que analfabetos, sabem apanhá-la no sentido existencial...

Deve-se reforçar, na actuação duma pastoral comum, e até como "conditio sine qua non" para a ela nos dispormos, o estudo, o aprofundamento, o "aggiornamento" a familiaridade com a Palavra, a todos os níveis, como também a troca de experiências sobre sua incidência concreta na pastoral...

#### Resposta à terceira pergunta

1. Constatamos, antes de mais nada, que a presença, se não é discreta, conduz a resultados opostos aos que procuramos: em vez que ajudar a caminhar, trava.

Tentamos portanto ter uma forma de presença

respeitosa, que se propõe, antes de se impor, apesar da consistência dos meios empregados. O respeito gera a confiança em si próprios; o se impor, o se substituir, enfraquece.

Por isso tentamos, mais do que resolver-lhes os problemas, ajudá-los a detectá-los e a resolvê-los

qualificada, o que quer dizer, clara, jogando a cartas descobertas: sabem quem somos, qual a nossa finalidade, qual o dom que trazemos e que caminhar connosco vem a ser empenhativo...

2. Atitude de empenhamento sério: eu exijo de ti e tu podes exigir de mim, no respeito da recíproca autonomia; quer no plano pessoal e social, quer no plano de Igreja.

Estamos convencidos que evangelizar já é libertar, tomando as duas palavras no sentido genuíno; e temos nisso testemunhos explícitos dos que se empenharam seriamente na vida nova.

Estamos contudo conscientes do perigo que corremos sempre de sermos "pesados" demais para sua liberdade; por exemplo do perigo de transmitirmos, com o Evangelho, a nossa cultura, os métodos ocidentais, quase que impelindo a gente a assumir formas de vida e práticas que não compreendem...

Como também estamos conscientes do perigo de não conseguirmos evangelizar em profundidade, atingindo os valores fundamentais da sua cultura, arriscando por conseguinte de edificar sinais e ritos exteriores, sem fundamento consistente no Cristo vivo e Salvador.

A caminhada para uma autenticidade neste assunto nunca acabará para nós.

Pensamos que tínhamos enveredado pelo caminho certo em 84-87 e não gostamos do facto de se ter parado desta forma. Tivemos agora mais indicações válidas até com o curso do Pe.Boka. Temos que recomeçar um caminho de pesquisa e de estudo em comum com toda a Diocese.

Suzana 30.04.1990

A Comunidade Missionária de Suzana

## Respostas ao primeiro questionário

### PERGUNTA Nº 2

\* Há primeiro uma avaliação da própria pergunta, julgada por um "ofensiva" e reexpedida ao remetente....por outra: a pergunta é essencial; exige resposta pessoal.

a) Sete respostas de acordo: DEVE SER, outras duas DEVERIA SER

Circunstâncias e motivações:

ser -E' o primeiro sacramento  
-como testemunhas e anunciadores...somos servos da Palavra:  
não instrumentalizar; anunciar em unidade.  
-à luz das circunstâncias histórico-culturais etc.

Proposta:

Insistir em estudo, atualização, familiaridade com a P.

b)Umas constatações:

Positivas

Fundamentalmente somos orientados pela palavra.  
Por alguns, não há dúvida.

Outros:

observam que até usam exclusivamente a Palavra como subsídio  
"A apresentação da Palavra viva nas Comunidades do Novo Testamento ajuda muito e abre caminhos...(1)  
Sugestões acerca da superação das dificuldades e diversidades da actuação pastoral:a partir de  
"aggiornamento" em teologia fundamental e etnologia religiosa + caridade.

Negativas

Nem sempre a Palavra é etc. etc.

-falta de coragem, coerência, sinceridade  
-defesa dos próprios interesses, posições, e dogmas pastorais  
-Preocupação mais de fazer do que de ser

falta de caminho unitário  
falta de preparação suficiente e específica  
falta de meios comuns para anúncio...  
pressa de sacramentalizar antes de construirmos comunidades vivas  
-Nos apoiamos mais na nossa mentalidade do que na Palavra que age  
-Condicionamentos económicos, sociais e políticos levam a actuações contraditórias, a todos os níveis  
é-nos mais natural a referência à nossa experiência precedente de igreja do que à própria Palavra de Deus, com  
consequências, pelo que precisa mais referência às comunidades do NT...  
somos condicionados também pelo gosto pessoal, busca de gratificação imediata, pelas estruturas a  
conservar...  
a não referência ao NT empobrece também o nosso diálogo com as culturas: temos lá exemplos autorizados e  
exemplos de respostas...

### PERGUNTA Nº 3

a) Dum lado a certeza: sim, estamos testemunhando, apresentando a libertação, não há dúvida.  
Pelomenos 3 respostas neste sentido (se não deixava tudo...)

b) Por outro lado se sublinha a tentativa da atitude certa:

Buscamos inculturação para saber quais atitudes libertam e quais não..  
Tentamos realizar uma presença atenta às realidades sociais e culturais para poder entender, descobrir...  
Tentamos realizar uma presença discreta: respeitosa e qualifi-  
cada

c) Outros ainda frisam mais as insuficiências de nossa actuação:

Geralmente trabalhamos como "de fora", não conhecemos e não entramos (falta de comunicação, língua...)  
Perigo de sermos "pesados" para sua liberdade: o Evangelho carregado com a nossa cultura, métodos etc...  
Dicotomia entre evangelização e promoção, fazendo prevalecer uma sobre outra: o equilíbrio entre as duas é  
que deve haver.  
Evangelizar é libertar, desde que as duas coisas sejam tomadas em sentido genuíno  
Trabalhamos para uma participação livre, consciente e constante

d) Quanto a RESULTADOS

-Uns poucos vêm resultados, pequenos,  
maiores,  
diferenças entre tabancas em que foi feito o anúncio e outras  
resultados parciais, a libertação total é só na eternidade.

-Outros são mais críticos:

não alcançamos a formação integral das pessoas: normalmente parcial, unidimensional, exterior (trabalhamos  
"de fora" ...)

-Outros: dependem da maneira de apresentar e da maturidade de quem recebe

-Há enfim que seja totalmente negativo debaixo de todos os aspectos (1)



e) Com referência específica aos SACRAMENTOS, como vinha na pergunta...

- Para uns o problema não existe: estamos no 1º Anúncio (1)

- Há quem sublinhe o aspecto negativo total (1)

- Frisa-se a atitude de "guardas", que não querem que os sacramentos sejam levados (1)

- Mau estar a respeito do muito tempo em que se deixam as pessoas no precatecumenato sem etapa nenhuma (1) ou de como os "sacramentados" (cristãos) são deixados de lado para atender ao 1º anúncio...

Há a tentativa de análise e reflexão sobre atitudes, causas etc.

- Temos o perigo de não evangelizarmos em profundidade, e então edificamos ritos vazios, sinais sem significado

- Muitas vezes as pessoas não conhecem o significado do que recebem

- Muitas vezes recebem os sacramentos como "cerimónias" que acabam e não como sinais de vida nova que continua

- O facto de trabalharmos como "de fora" faz com que os sacramentos possa causar dicotomia grave na vida de quem segue o Senhor

- A nossa própria pessoa <e sinal (sacramento) quando leva ao encontro com Cristo...e não uma "isca" qualquer...

Missão Católica de Suzana

---

Respostas ao 2º Questionário da Comissão para a Assembleia de revisão das Linhas Comuns de Pastoral.

Premissa

Uma premissa de carácter geral vai como resposta global ao ditado da pergunta fundamental, especificada a seguir nas 8 perguntas-ajuda.

Queremos dizer que:

A. Desde o primeiro contacto com pessoas provenientes de uma tabanca, de maneira especial se "nova" ao anúncio tentamos criar relacionamentos

- . ou entre as pessoas já evidenciadas
- . ou estimulando até a oração para que o Senhor ajude a evidenciar-se os que já chamou para fundar a nova Comunidade.

De qualquer forma sempre os pomos em relação com as Comunidades mais próximas a que poderão e deverão apoiar-se.

Isso fazemos normalmente por motivos

- étnicos (ver mais abaixo)
- sociais: nenhum isolado avança
- psicológicos (é intuitivo)

-teológicos (Lumen Gentium,9; A.G.15;...)

## B. Também

-não baptizamos nenhum indivíduo que não tenha possibilidade de se relacionar de maneira contínua com uma comunidade;

-exigimos que ninguém baptize na sua paróquia indivíduos que vêm de fora sem se informar se no local de que vem e a que presumivelmente irá voltar existe uma comunidade cristã.

E passamos agora a responder às perguntzinhas.

### 1. Apoiar-te mais nos jovens ou nos adultos? Porquê?

Mais nos adultos (o "mais" quer dizer por si que os jovens não estão excluídos). As razões são:

-sociais: o adulto tem uma área de autogestão maior da do jovem, por conseguinte tem mais possibilidade de escolher caminhos diferentes dos pais;

-culturais: . o jovem nesta cultura não é "motor" da sociedade, na qual não tem "peso"; os adultos conhecem mais a cultura na qual foram educados e até têm mais possibilidade de sucessivamente ajudar a inculturar a mensagem .

-eclesiais: o adulto que já fez sua casa e tem sua família assentada no local garante mais continuidade à própria Comunidade, que assim se torna mais estável e com mais chances de aprofundar a mensagem e sua tradução na vida.

NB. Historicamente houve como que um caminho de "discípulos" dum grupo de jovens que cresceram caminhando com Pe. Marmugi. A mensagem passou, sem chegar a sacramento nenhum. A certo ponto uns destes antigos jovens, já maduros e com família, se tornaram os primeiros elementos da Comunidade.

Numa segunda fase, que é a actual, já são os adultos que, vendo a estes, resolvem enveredar pelo mesmo caminho. Nesta segunda fase a atenção prevalecte é aos adultos, que até aparecem em número maior.

### 2. Qual é o papel das famílias?

O papel das famílias é fundamental. Distinguimos o "ser" e o "actuar" das próprias famílias.

#### a. No seu Ser.

Por ser "célula da sociedade", a família é fundamental na constituição duma Comunidade, que é uma "sociedade nova"; nós somos favorecidos pelo facto que as famílias felizes, no seu núcleo fundamental, são monogâmicas na sua maioria, sendo a poligamia menos frequente e, na maioria dos casos, sucessiva.

Por isso tentamos evangelizar a família tradicional, como aliás vem nas Linhas de Pastoral I,6.

Não poucas são as que vem pedir o Baptismo. A coisa está a difundir-se, a nível de Sector, numas missões limítrofes.

Famílias poligâmicas que se apresentem, normalmente absolvem muito bem ao papel de abrir caminho aos outros e garantir e apoiar a caminhada até a jovens.

A atenção às famílias vem também do facto que a Igreja, como diz o Papa, é "família de famílias", e por ser, sempre segundo o Papa, a família "lugar particularmente privilegiado para dar a conhecer o valor salvador do Evangelho" (Omilia em Bissau,7). A nossa experiência está a dizer-nos que isso é muito real.

b.No seu Actuar.

.O apadrinhamento para o Baptismo, sendo referido a candidatos-famílias, já se faz normalmente por famílias, quer dizer que há famílias madrinhas....

.O mesmo diga-se para a preparação ao matrimónio (ou para a "recuperação" de casais).

.Os casais Animadores familiares cuidam também de incrementar a escolarização dos filhos (meninas também!...), o cuidado do cultivo vocacional e a garantia da possibilidade de resposta dos filhos vocacionados; o mesmo diga-se para "Cáritas", apoio a pobres e doentes etc.

Em suma, o papel da família aqui é de ser o autêntico fundamento da própria Comunidade.

### 3.Quais os "Agentes" que sustentam e animam tais comunidades? Como tentas formá-los e ajudá-los a serem pontos de referência e apoio para os demais membros de suas comunidades?

a.Desde o começo dum grupo que vem pedir a catequese tentamos descobrir os elementos que sobressaem como empenhamento, liderança etc. tentando apoiar o nascer dos que chamamos "Animadores de Comunidades iniciais"

A experiência nos diz que é entre eles que irão despontar os vários carismas e serviços na Comunidade que vai nascer.Assim nasceu a maioria dos Catequistas e relativos ajudantes e, progressivamente, responsáveis de Comunidades, Animadores familiares etc. Depois de tempos há outros que se agregam e entre estes últimos nasceram animadores vocacionais e da Cáritas.

b.O método de formação que seguimos é o método da natureza ou familiar; quer dizer que há como que um caminho dos novatos junto dos mais velhos. Mensalmente há uma reunião de todos os agentes de pastoral de todas as comunidades.O local da reunião migra de comunidade em comunidade.É normal que problemas e programas sejam discutidos em tais reuniões, como também as dificuldades das várias comunidades. Procura-se fazer tudo à luz da Palavra de Deus tentando adquirir uma mentalidade cristã em ver, julgar e agir.

Para os catequistas, quando possível e especialmente para os principiantes, há também apoio para a preparação das próprias catequese.

Mais ainda há estágios anuais para eles a nível de Missão, compativelmente com o calendário dos demais estágios de Sector.

É normal que entre os Catequistas sobressaiam líderes ou pessoas em que, de qualquer forma, os membros da Comunidade depositam sua confiança; a estes apoiamos e a estes nos referimos quando há dificuldades a resolver; a estes enviamos também para pedir conselho.A situação ideal é quando estas características se evidenciam em pessoas que já segundo cultura e tradição são "anciãos" com uma certa autoridade moral.

### 4.Quais os valores que privilegias e que achas mais adequados à finalidade de dar consistência, coesão, responsabilidade e sentido de iniciativa a tais comunidades?

Neste assunto temos boas indicações que nos foram dadas pelos próprios membros das nossas primeiras comunidades; a seguir procurámos reflectir e encontrar até motivações mais profundas.

Antes de mais nada sempre sugerem às comunidades novas que não se vão reagrupar por "moranças" e clãs tradicionais; isso fazem para quebrar "recintos" e fronteiras, onde a identificação sempre se fez, tradicionalmente, em oposição a outros. No caminho cristão não é preciso opor-se a outros para se identificar.

Baseados em sugestões parecidas procurámos sugerir o seguinte:

-Os clãs baseados no totem (animal partner) comum são superados. Eles chamam tal totem "ewum", do radical "W" que significa "existir", "viver". Vives enquanto vive o teu totem, a vida tua e da tua família reside não só em vós, mas em vós e nele juntos. Cada clã tem o dele. Mas Cristo é a VIDA de tudo e de todos, e, curiosamente o radical que usamos em Col.1,16-17 e Jo.1,3-4 et similia é o mesmo que indica tal realidade.

Veio a ser natural por eles concluir que a divisão por clãs não tem mais razão de existir e não há mais barreiras entre os crentes e entre os homens em geral. E isto não o sentem em oposição ao que diziam os pais, mas como resposta ao que eles procuravam...

-A unidade superclânica vem, por sua vez, pela participação a bens comuns: desde a mesma mama que os amamentou até o mesmo sangue a correr nas veias, a mesma bolanha que lhes dá o arroz, o mesmo território em que vivem etc... O ser estes bens limitados traz consigo a luta entre estas unidades superclânicas para estender, guardar, acrescentar os possessos etc... o que dá divisões e guerra.

Os cristãos sabem que participam dos mesmos bens infinitos: o Sangue de Cristo os faz consanguíneos, o Espírito de Cristo lhes dá entendimento comum, a universalidade do Sacrifício de Cristo dá cabo da particularidade das cerimónias tradicionais que nunca vão além de certas fronteiras...

Aliás foi isto que levou os cristãos de várias comunidades de tabancas tradicionalmente inimigas a evitar o deflagrar de guerras em anos recentes.

Seria longo enumerar todas as pistas que seguimos, aliás a pesquisa continua...

#### 5. Como tentas evidenciar estes valores:

a) com qual tipo de "mensagens" (motivações, atenções despertadas...)?

b) Com qual tipo de atitude por tua parte?

a. Os valores que tentamos evidenciar são os de respeito, caridade etc (ver. LCP.III,1,b) e a evidenciação dos carismas, contra o nivelamento próprio da cultura daqui (coesão exterior, hipócrita); por isso exaltamos os carismas, no serviço e na organicidade da Igreja.

Também tentamos o caminho de detectar juntos, entre eles e connosco, os problemas, discutí-los juntos, procurar juntos as soluções, sem que haja "fugas" nem para frente nem para trás...

Tentamos transmitir a Mensagem do Evangelho clara e na íntegra, sem descontos à Palavra, até para terem um ponto de referência bem claro e único para todos; no respeito para com o Espírito que trabalha neles.

Procuramos fazer notar a "inculturação" ao longo do NT e como é legítimo adaptar sem desvirtuar o conteúdo da mensagem. Notamos que isto os encoraja e responsabiliza, não só singularmente, mas, o que interessa, em conjunto.

b. Por nossa parte procuramos saber esperar que amadureça a semente da Palavra na pessoa e o gérmen da Igreja na tabanca, com o sentido de pertença e de responsabilidade para com o "Caminho" e para com as outras Comunidades, quer da área quer da Guiné e além. O esperar não é falta de respeito para com eles: ajuda-os a assumirem a mensagem e as responsabilidades que dela promanam.

No actuar tentamos tornar evidente que os Sacramentos não são do Padre, mas sim da Igreja, concretizada na Comunidade em que vivem. São pessoais, mas não individuais no sentido de ser algo que passa entre o sujeito e o Padre e mais nada.

Quanto às escolhas "culturais" procuramos que não sejam feitas por nós, nem por pessoas isoladas, nem sequer por uma Comunidade isolada:

eles como conjunto de Comunidades

nós como garantindo a referência à Palavra de Deus e à "traditio" da Igreja.

Quando interrogados, especialmente por parte de catecúmenos, acerca de atitudes práticas a tomar procuramos não dar respostas preconfeccionadas, mas sim aproveitamos para estimular contactos, pesquisas e caminho em conjunto.

6. Dentro da tua Missão ou Paróquia, procuras fazer com que as comunidades ou grupos em formação se ajudem entre si? Com que iniciativas?

Como apontado acima, temos reuniões mensais de "agentes da pastoral". Há entre-ajuda em enfrentar problemas e dificuldades. Às vezes há Catequistas que pedem a outras comunidades que enviem alguém para os ajudar; e se faz.

Nos acontece haver comunidades como que "madrinhas" de outras comunidades vizinhas: as acompanham ao Catecumenato e ao Baptismo e a seguir caminham juntas.

Um dos resultados mais evidentes é o da superação de inimizades ancestrais, baseados na nova coesão dada pela comunhão de vida em Cristo e por estarem a caminhar juntos, ajudando-se mutuamente.

7. A nível do teu Sector ou até fora dele, procuras ligação, apoio e partilha de experiências com outras comunidades? Em que domínios principais?

Os repetidos encontros a nível de Sector entre Animadores de Comunidades iniciais, Animadores familiares e demais operadores pastorais fazem nascer relacionamentos até de amizade. Isto é favorecido pela própria técnica que orienta tais actividades, que privilegia o encontro e a troca de experiências entre eles.

Fora do Sector: não existe comunicação nenhuma a nível de Diocese. Quando muito aproveitam-se os encontros a nível de Comissões e a nível de Pime (ou irmãs, respectivamente).

8. Na edificação destas comunidades vivas, quais os resultados, ainda que parciais, que achas ter conseguido até agora?

Com todas as falhas e as discontinuidades próprias de um caminho de amadurecimento, achamos que algo de importante já se vê, a saber:

. Comunidades que transcenderam os princípios ancestrais de coesão-oposição para se unirem em Cristo, princípio da Vida de todos.

. Comunidades que se ajudam entre si

. Comunidades estáveis, baseadas em famílias residentes, preocupadas da continuidade do Caminho de Igreja, apoiando o caminho Catecumenal e o caminho Matrimonial (preparação, recuperação, vivência). Neste contexto: comunidades que exprimem Padrinhos sérios, cientes da sua tarefa.

.Comunidades conscientes de que estão a criar uma tradição Cristã-Felup a que os filhos se poderão referir.

.Comunidades com sentido vivo da pertença à Igreja Universal, realizada na Igreja de Suzana no contexto da Igreja Guineense (a referência ao Bispo como sinal de unidade é constante)

Suzana Julho 1990

A Comunidade missionária de Suzana

comissão para a  
assembleia de revisão  
sobre linhas comuns de pastoral  
bissau

---

### Questionário nº 3

No nosso último questionário falámos na necessidade de construirmos Comunidades vivas, como vem nas Linhas concordadas em 87, e no que fazemos para as construir.

Agora queremos dar mais um passo à frente na análise do nosso actuar pastoral e na partilha das nossas experiências. Por isso vamos falar no que apontámos então acerca do Caminho da Iniciação Cristã e de como acompanhamos os "caminhantes" (simpatizantes, pré-catecúmenos, catecúmenos e neófitos).

Eis as perguntas que nos podem ajudar:

1.a. Como a tua Comunidade concretamente acompanha tais "caminhantes"?

b. Se ainda não existe a Comunidade cristã, como é que eles são acompanhados?

c. Quais garantias requeres para os admitir às várias etapas? (ex.g. ao Catecumenado e depois aos vários sacramentos...).

2. De qual maneira o Missionário se deixa auxiliar, especialmente no que se refere à admissão às várias etapas, de maneira particular aos próprios Sacramentos da Iniciação? (referência a Linhas de Pastoral 1987, II, 4,b).

3. Como é que avalias da existência dos requisitos apontados pelo O.I.C.A. nos n.os 15 e 68?

4. No que se refere aos conteúdos da Primeira Evangelização e do Catecumenado: há concordância pelo menos a nível de Sector?

5. Como é que te regulas presentemente para dar o Baptismo a bebés e a crianças?

Como apontado na carta de apresentação, pedimos que as respostas a este 3º Questionário nos sejam entregues até o fim do ano; tolera-se uma semana de atraso. Obrigado.

a comissão

comissão para a  
assembleia de revisão  
sobre linhas comuns de pastoral  
bissau

---

#### Questionário nº 4

1.Em referência ao Sacramento do Perdão (ver Linhas...,1987,B.)

a.Como é que tentaste concretamente evangelizar o Sacramento do Perdão?

b.Quais as dificuldades maiores encontradas?

2.Em referência ao Sacramento do Matrimónio (Ibidem,C, pág.7).

a.(em referência aos pontos 1-3)Como concretamente acompanhas, na tua comunidade, os que se orientam ao casamento para que realizem conscientemente o Matrimónio cristão?

b.(em referência ao nº4)O que é que proporcionas concretamente a um casal cristão para que possa realizar o seu Matrimónio na vivência familiar, comunitária e para transformação da sociedade?

Esperamos as respostas, como apontado na carta de apresentação, até FIM DE JANEIRO. Obrigado

a comissão



## Missão Católica de Suzana

-----

### Respostas ao terceiro questionário da Comissão para a Assembleia de revisão sobre linhas comuns de pastoral.

#### 1.a. Como a tua Comunidade concretamente acompanha tais "caminhantes"?

-Conhecendo: sabe-se, pelo menos a nível de comunidade local e de comunidades mais vizinhas, quem está no caminho da iniciação cristã. Quando há admissão de candidatos a etapas de qualquer nível, a Comunidade é solicitada a um caminho de reflexão, oração, preparação e acompanhamento.

-Apoiando: especialmente nas dificuldades de variadas proveniências, nas escolhas difíceis, etc.

-Rezando: é normal que nas várias intenções de oração dos fiéis haja alguma para os catecúmenos etc..

-Através dos canais oficiais: garante, padrinho, catequista...

#### 1.b. Se ainda não existe a Comunidade Cristã, como é que eles são acompanhados?

Há comunidades vizinhas que desempenham o papel de "madrinhas".

#### 1.c. Quais garantias requeres para os admitir às várias etapas?

-para o **précatecumenato**:

- frequência normal à catequese
- que tenha expressado a vontade de seguir o caminho da comunidade;
- que já tenha o "garante", estando ele na possibilidade de escolher quem o pode verdadeiramente ajudar;
- que tenha adquirido uma certa frequência na oração comunitária e pessoal e que na oração se refira a Deus, sendo Jesus Cristo o intermediário a quem recorre.
- que manifeste disposição a aceitar o orientamento cristão do casamento.

-para o **catecumenato**: ver OICA.15;68. Num esquema de colóquio para a admissão ao catecumenato salientamos o seguinte:

- vontade expressa de ser baptizado
- clareza suficiente nas motivações
- Oração: contínua, pessoal, também pelos inimigos....
- Fidelidade activa à Palavra de Deus e catequese
- referência ao único Mediador, sem mais recursos a outras "técnicas" ou seres intermediários em contradição com Ele
- referência à Comunidade e dependência dela, até com sentido crítico: deixar-se conduzir pela mão para aprender o caminho, mas caminhando com os próprios pés;
- vida matrimonial e familiar: ter o sentido de como deve ser o casamento que se tornará sacramento;
- o mandamento da caridade: que tenha compreendido que afecta todos os aspectos da vida
- o sentido do "dia do Senhor" (por termos o "domingo" felup com ciclo diferente etc....)

para os **sacramentos da iniciação**; ver OICA ..Em particular:

- fé "concreta"
- integração "substancial" na comunidade Igreja
- certeza moral da sua orientação vital a Cristo em quem procura a verdade e com quem caminha no dia a dia.

2. De qual maneira o Missionário se deixa auxiliar, especialmente no que se refere à admissão às várias etapas, de maneira particular aos próprios sacramentos da Iniciação?

A referência a intermediários é normal, conseqüente a como empenhamos a própria comunidade (ver resposta nº1); de maneira particular nos referimos aos "canais oficiais", como padrinhos e catequistas: nunca admitimos sem o parecer positivo deles.

3. Como é que avalia da existência dos requisitos apontados pelo OICA nos n.os 15 e 68?

Através de:

- encontro prévio com catequistas e padrinho;
- encontro-colóquio com candidato e padrinhos (temos uns esquemas-guia)
- encontro pessoal antes do Baptismo entre candidato e padre.

Isto além da normal conversação e observação....

4. No que se refere aos conteúdos da Primeira Evangelização e do Catecumenado: há concordância pelo menos a nível de Sector?

Não sabemos ao certo. Só sabemos que há umas missões onde mais ou menos se segue o mesmo esquema.

5. Como é que te regulas presentemente para dar o Baptismo a bebés e a crianças?

Como vem nas Linhas de pastoral.

pela equipa missionária

(Pe. Giuseppe Fumagalli)

Suzana, Janeiro 1991

**Respostas ao quarto questionário da Comissão para a Assembleia de revisão sobre linhas comuns de pastoral.**

1. Em referência ao Sacramento do Perdão (ver Linhas...1987,B.)

a. Como é que tentaste concretamente evangelizar o Sacramento do Perdão?

-Além de continuar a levar para frente a evangelização do Sacramento do perdão na Catequese, nas omílias e nas celebrações penitenciais, tentamos acertar um bocado mais o discurso nos moldes seguintes:

1. Celebrações penitenciais "orientadas". Quer dizer: além de considerar o tempo litúrgico ou a ocasião em que se programou a celebração (são seis cada ano em média cada dois meses), se foca de maneira particular um aspecto da vida da Igreja (por exemplo, se fez uma sobre certas consígnias que nos foram deixadas pelo Papa...).

2. Evidenciar a celebração da primeira confissão das crianças (que se tornou uma celebração familiar) envolvendo as famílias: realiza-se assim uma catequese directa aos pais e indirecta às crianças na família.

Substancialmente fazemos com que sejam os pais a julgar da maturidade dos filhos para o sacramento do perdão sugerindo as seguintes pistas de avaliação:

-ver se a criança está consciente de que sua acção é uma falta e que esta falta atinge a Jesus, além do que a pais e outros;

-se a criança compreendeu que Jesus pode e quer perdoar sua falta;

-se a criança tem sentido de que o perdão de Jesus se alcança na Igreja. Aos pais se explica que a própria Igreja

-foi afectada pelo pecado cometido

-foi diminuída na sua força de testemunhar

-é contudo depositária do perdão de Jesus e via ao mesmo

3. Em ocasião dos tempos fortes do ano litúrgico, especialmente para meninos, jovens e bajudas se fazem retiros orientados ao sacramento do perdão.

4. Tentamos estabelecer uma relação entre a "confissão" tradicional felupe (jarej aju) e o Sacramento do perdão, encontrando vias para evangelizar e dificuldades a transpor. Concretamente:

-como elementos positivos encontramos os seguintes:

+a "confissão" tradicional leva a uma certa introspecção, apesar de estar baseada no medo de algo que não se consegue detectar, mas que se manifesta em desgraças, desgostos, doenças etc.

+revela uma certa consciência do facto que umas transgressões comprometeram o equilíbrio vital, não só da pessoa, mas também do clã, da comunidade....

+o facto da intervenção de outra pessoa, a que são "confessadas" as transgressões, abre caminho ao discurso sacramental da mediação da comunidade e da pessoa por ela "encarregada".

-os elementos negativos, que criam dificuldade à compreensão da novidade do Sacramento do Perdão nos parecem:

-o não relacionamento com Deus: a transgressão não é pecado "teológico" e a expiação é algo que se passa com o irán

-a expiação é iniciativa do homem e depende dele: ele é que paga seu pecado e assim é livrado das consequências

-a escolha de "confessar" não é livre, mas sim resposta aos "porquês" acerca de desgraças, desgostos etc...

b.Quais as dificuldades maiores encontradas?

E' ver aqui acima os elementos negativos que acabamos de apontar:nos parecem ser as de proveniência "cultural" e amis dificilmente transponíveis; junte-se o facto de a moral tradicional felupe ser oficialmente uma moral "exterior"..

2.2.Em referência ao Sacramento do Matrimónio (Ibidem,C. pág.7).

a.(em referência aos pontos 1-3)Como concretamente acompanhas, na tua comunidade, os que se orientam ao casamento para que realizem conscientemente o Matrimónio cristão?

Premissa: a pastoral desta missão está substancialmente baseada na família como objecto e como sujeito de pastoral, como suporte e motor da vida da própria comunidade.

-Procura-se cultivar, através da família, o sentido da vida como vocação e, por conseguinte, a escolha da via do casamento como resposta pessoal a um chamamento de Deus. O que requiere cuidado para o próprio amadurecimento pessoal e preparação remota e próxima à realização do sacramento do Matrimónio.

-Estruturou-se de maneira melhor, com a colaboração de umas missões a nível de Sector, o apoio das famílias mais maduras, através das equipas de Animadores familiares que, como que padrinhos, acompanham os que se en,caminham para realizar ou para "regularizar" seu casamento.

-Fazem-se cursos de preparação próxima e imediata ao Casamento, com a colaboração de tais animadores familiares.

-Também há estágios para tal preparação, a nível de Sector como encontros a nível de Missão.

b.(em referência ao nº4)O que é que proporcionas concretamente a um casal cristão para que possa realizar o seu Matrimónio na vivência familiar, comunitária e para transformação da sociedade?

-solicitamos as famílias para que se esforcem de realizar seu testemunho cristão na sociedade: na catequese e nas trocas de ideias em conjunto;

-oferecemos motivações e ajudas para que as famílias se sintam responsáveis do caminho de amadurecimento humano,social e cristão dos filhos: a catequese e as sucessivas recepções dos sacramentos por parte dops filhos vêm a ser acontecimentos marcantes a vida da família;

-insistimos em envolver as famílias como tais no cultivo das vocações nos filhos, tendo uma resposta bastante viva em propósito;

-para todas as necessidades e para ajuda aos necessitados é a família a ser ponto de referência e de resposta;

-a discussã e a pesquisa sobre elementos "culturais" a esclarecer ou a remover do caminho cristão é feita com casais;

-cresce a consciência de que o "caminho cristão" avança e a qualidade da vida na sociedade muda quando o casal ao completo se compromete em avançar e em mudar: os passos dados, pequenos se quisermos, mas significativos, são muitos e em muitos sectores.

pela equipa missionária

pe. Giuseppe Fumagalli

comissão para a  
assembleia de revisão  
sobre linhas comuns de pastoral  
bissau

---

Ponto da situação a 10.4.1991, para o Conselho Presbiteral.

Podemos distinguir, no trabalho feito até agora por esta comissão, grossomodo três momentos:

- 1)Um primeiro momento de arranque
- 2)Um segundo momento de trabalho, solicitando reflexão e respostas
- 3)Um terceiro momento de balanço e perspectivas.

1.O ARRANQUE se processou num ambiente de não excessiva clareza.Os pontos de referência são representados pelas actas do C.P. relativas às reuniões de 7.6.89 e de 6.12.89, como também pela carta do Vigário Geral aos Delegados de 29.11.89 acerca da "influência" que as linhas de pastoral aprovadas em 87 tiveram em cada missão ou paróquia dos respectivos Sectores.

**O CP em 7.6.89** falava em "preparação e realização da 2ª assembleia do P.Missionário? Ou: divulgação sistemática e maior aplicação prática das Linhas Pastorais comuns já promulgadas em 1988?",chegando a concluir que as duas coisas eram complementares e que se devia verificar o caminho feito e impulsionar o caminho em conjunto segundo tais linhas.

**O Vigário Geral, na carta de 29.11 89** aos Delegados dizia:" Para se ir ganhando tempo na conveniente preparação da Assembleia Geral de Missionários (30 de Abril-2 de Maio 90), era útil que cada Sector começasse já a dar resposta à seguinte interrogação: QUE INFLUÊNCIA REAL TIVERAM AS LINHAS PASTORAIS COMUNS, APROVADAS EM 1987, NA MINHA MISSÃO OU PARÓQUIA? (O mesmo é dizer: O que é que mudou na minha Missão ou Paróquia após a aprovação dessas linhas pastorais comuns?).A proposta visa, portanto, começarmos a examinar honestamente a situação de facto em que nos encontramos."

**O CP na reunião de 6.12.89** por sua vez dizia:"Realizando-se em Maio do próximo ano a Assembleia Geral do pessoal missionário e centrando-se ela nas Linhas Pastorais Comuns já aprovadas, o CP achou bem encarregar o P.José Fumagalli...que presidiu à Comissão que levou às Linhas Pastorais Comuns, de assumir essa responsabilidade.Ele, por sua vez, contactará os restantes elementos da anterior Comissão para o ajudarem na preparação desta nova reunião....".

**Outra vez o Vigário Geral, na carta de 10.12.89** aos membros da precedente Comissão, assim se expressava:"Como essa Assembleia se debruçará fundamentalmente sobre a situação em que nos encontramos em relação às Linhas comuns de Pastoral, o Conselho Presbiteral etc. etc...."

Era suficientemente claro o facto que se tratava de fazer **uma revisão acerca da nossa situação em relação a tais linhas**.Era claro também que se pretendia que isso tudo se fizesse dentro do limite fixado: a Assembleia teria lugar de 30 de Abril a 2 de Maio de 1990!...

**A nomeação feita pelo Senhor Bispo em 24 de Fevereiro de 1991** fala simplesmente de "Comissão preparatória da segunda Assembleia do Pessoal Missionário", cujo assunto é o mesmo do da primeira assembleia.

Porquê todo esse preâmbulo? É simples: porque foram precisas três reuniões em pouco menos de três meses para pôr a comissão a andar depois de feita uma certa clareza, condensada e apresentada na carta de 14 de Março de 1990; o que custou porém a desistência dum dos membros, que talvez tivesse imaginado outra finalidade.

Fora da própria comissão, não faltam os que até agora contestam o feitio da própria Assembleia programada, os que pretendem que a Comissão prepare um Plano completo de Pastoral Diocesana, os que nos dizem que estamos demais virados para o passado etc. etc.

Até a linguagem é forçosamente confusa: as Linhas de Pastoral a que nos referimos são de 87 ou de 88? São um Plano ou simplesmente uns pontos de concordância iniciais fixados naquela altura com o propósito de arrancar e de verificar dentro breve não tanto seu funcionamento quanto o nosso funcionameznto em querermos trilhar um caminho em conjunto?

Não são perguntas retóricas, se considerarmos que, dentro do Pessoal Missionário actualmente presente na Guiné 45% das irmãs veio depois do 87 como também o 27% dos padres e irmãos e então dificilmente estão inteirados no assunto, visto também que o que foi promulgado em 88 não tinha apresentação nenhuma nem correspondia bem bem ao que se tinha decidido fazer; sem acrescentar os que, apesar de estarem presentes em 1987, não compreenderam bem do que se tratava, ou não ligaram muito ao assunto em si.

## 2.O MOMENTO O DA REVISÃO

Os dados actuais são os seguintes:

A Comissão é feita de 4 pessoas, a saber: o Pe. José Fumagalli, o Pe. Darcy, Irmã Maria Cifelli, que faziam parte da antiga comissão e o Pe. Maurizio Fioravanti que entrou como elo de ligação com a Comissão dinamizadora do Ano Pastoral Especial, mais o Pe. Vigário. O Pe. Mario Baruffaldi, que fazia parte da antiga comissão e que num primeiro momento aceitara retomar o trabalho, desistiu depois de poucas reuniões.

Fizemos **não menos de 6 reuniões** a partir de Janeiro 90, a última das quais, como viram pelos relatórios, desdobrada em dois dias: um primeiro dia com os Delegados e os presidentes das Comissões diocesanas da catequese e das vocações, um segundo dia entre os membros da própria Comissão.

**Enviamos quatro questionários**, mais ou menos percorrendo os pontos principais do que se tinha concordado em 1987.

As respostas que obtivemos são as seguintes, em números:

-Ao 1º Questionário: 12 respostas. 16 em 44 padres (36%) 38 em 78 irmãs (47%), faltando ao apelo 9 paróquias de Bissau, uma do Oio, uma missão do Sul, umas comunidades missionárias do Sector de Cacheu (do CIFAP veio a resposta de um membro neste primeiro questionário e, a seguir, mais nada)..

-Ao Segundo Questionário vieram 15 respostas de que duas coletivas, por 23 comunidades missionárias. Infelizmente houve um certo numero de respostas que não acertaram o alvo: pouca clareza? Pressa demasiada? Falta de interesse? Não me atrevo a julgar, só constato.

-Ao terceiro questionário vieram 15 respostas. Ausência quase total dos sectores do Oio e de Biombo.

-Ao quarto questionário treze respostas, faltando umas paróquias de Bissau, outra vez a quase totalidade do Oio mais alguma missão esporádica, sempre além do já citado CIFAP.

## 3. BALANÇO E PERSPECTIVAS

A este ponto, quer pelo que tínhamos programado, quer pelo que recolhemos dos questionários, quisémos **entrar na fase das perspectivas**.

Em vez que as colher só directamente nos questionários, quisémos que passassem pela consideração e avaliação (talvez também pelo enriquecimento) a nível de Sector; foi por isso que nos dirigimos aos Delegados na carta do 1º de Dezembro de 1990.

Aos próprios Delegados, como também às Comissões Diocesanas e Organismos vários a nível de Diocese pedimos que contribuíssem com sugestões e perspectivas. Umas já foram apresentadas, outras o serão em 30 de Abril e serão por nós consideradas na reunião que teremos no princípio do mês de Maio. Tais organismos, além da CDC e da Comissão Vocacional são: Cáritas, Comissão Económica diocesana, SEDEPRU, Comissão para a assistência formativa aos seminaristas de Filosofia e Teologia, Comissão das Irmãs, Comissão de gestão da Escola de Teologia para Leigos.

O que pedimos nomeadamente aos **Delegados** diz respeito à sua actuação e ao que os travou no desempenho de seu papel. De facto, através dos questionários e da conversação com os próprios delegados emergiram uns pontos fracos que condicionaram o caminho destes primeiros anos de linhas comuns, a saber:

-A sua figura, como esboçada nos decretos de 1978, não corresponde à finalidade pela qual foi imaginada. Aquilo em que se falara em 87 era bem diferente. Pelo que há umas propostas concretas de revisão de tais decretos.

-A Organização em Sectores faltou da necessária coordenação, faltando até o organismo cuja criação fora proposta e vem agora a ser postulada pela evidência da realidade.

-A própria finalidade da criação dos sectores de pastoral não foi bem entendida nem suficientemente explicada quer a nível de criação quer a nível de condução, chegando-se até a dizer, nalguns casos, que o Sector assume o que a Diocese propõe: praticamente meros executores de ordens diocesanas.

-Não há clareza no executivo: os Delegados diriam que se encontraram um bocado desamparados; exagerando um pouco diríamos "delegados e abandonados"....Quer dizer: porquê afrontar problemas quando atrás não tenho apoio?

O que dizer? Estamos a avaliar estas coisas todas, tendo pedido aos próprios delegados umas propostas acerca duma estrutura elementar do executivo da nossa Diocese na sua articulação em Sectores. A seguir isto deverá ser integrado com o quadro geral por assim dizer dum Organigrama Diocesano.

A que ponto estamos com a preparação próxima da Assembleia? (deveríamos já falar em preparação imediata...).

A nossa Comissão tem como bem assente que, sendo Comissão preparatória, seu papel vai findar exactamente na abertura da própria Assembleia, para a qual se deverá escolher uma mesa de presidência, moderadores etc.

Nós vamos preparar uma proposta de calendário, de roteiro e de metodologia ou directório que, depois de discutido e votado, irá nortear os trabalhos.

Por nossa parte temos duas coisas a fazer:

1. Um relatório do trabalho feito em preparação, com avaliações, sugestões e perspectivas, entre as quais desde já adiantamos a possibilidade de a Assembleia vir a ter mais tempos ou fases de realização, uma vez dado o primeiro arranque;

2. Uma re-edição das folhas em que foram apontadas "Umas linhas comuns de Pastoral" com pequenas introduções e referências que ajudem a compreender o porquê e o sentido do que lá está apontado, como aliás foi pedido por alguns.



Como apreciação final diria que não devemos perder o sentido dos nossos limites e aceitar, realisticamente, de trabalhar por graus, mas com seriedade, continuidade e progressão.

A impressão que nos acompanha desde que empreendemos outra vez este trabalho é que há pouco ou nenhum interesse no que se está a fazer: nota-se como que um "cansaço" que vem de longe...

Doutro lado há quem pretenda acabar com todas as falhas e ineficiências, que se faça um "Plano Pastoral" completo e, deixem-me dizer, mesmo por isso inactuável nas condições em que estamos.

Penso que não se deveria chegar à Assembleia com uma lista de "A Diocese deve fazer", "A Diocese deve promover...", "Crie-se uma comissão para que etc. etc.": já vimos que encomendar trabalhos a outrem não custa nada, mas também não produz; deveríamos em vez assumir o que devemos fazer, nos limites reais do que podemos por enquanto fazer, tentando ir para frente, solicitando propostas, sugestões, em suma colaboração criativa pela base, nem que isso proporcione mais trabalho para recolher, analisar, discutir, avaliar e coordenar e mais tempo para fazer amadurecer e realizar.

a. RESPOSTA PRELIMINAR DOS SECTORES (sobre o impacto do precedente trabalho acerca de linhas comuns de pastoral n.d.r.)

-A nível diocesano: quase nada foi concretizado do que está escrito (Oio)...

-A nível de sectores:

.uma certa caminhada no sentido das linhas/ nada, as linhas não foram consideradas (1 sector)

.uns progrediram em pesquisas sobre usos e costumes (Oio; Sul)

.orientação para anúncio e criação de comunidades vivas

.algo a respeito da atenção à família

-A nível de missões: influiu na actuação dumas missões. Os pontos mais considerados:

criação de comunidades vivas

família

catequistas adultos, residentes nas comunidades

b. OS QUESTIONARIOS

1º QUESTIONÁRIO

Introdução

O documento criou interesse, participação, confrontação (quando foi estudado, construído, procurado etc.)

Uma vez feito: a nível de caminho em conjunto da Diocese, não serviu muito  
a nível dumas missões ajudou a rectificar e a tentar caminhar em conjunto

Os porquês

-faltou a apresentação do mesmo e do contexto

-foi tomado como ponto de chegada e não de partida

-não foi retomado, reelaborado

-não se acompanhou o trabalho a seguir

-quem caminhou, o fez por sua conta: faltou todo estímulo e a coordenação por parte do centro (Diocese, nuns casos até do próprio Sector)

1º Pergunta

Entre os que responderam a sensibilidade é comum: uma linha comum de actuação pastoral é possível, desejável, indispensável, oportuna, necessária, é dever prioritário etc...

Interessante é percorrer as motivações e as finalidades; podem-se detectar indicações acerca de:

- avaliação duma certa frustração em relação ao trabalho precedente (parecia encaminhar-se bem, houve espera demasiada, actuação parcial...etc.)
- condições para que haja melhor êxito no trabalho a empreender agora.

Condensando umas respostas:

evitaríamos: individualismo, radicalismo, "regulados", dogmatismos, desorientação, confusão, fragmentação que vem da tentação de reproduzirmos, à falta de indicações claras, a nossa experiência precedente de igreja, transplantando situações fora do contexto...

Reforçaríamos: respeito recíproco, credibilidade, sentido de Igreja, testemunho de Igreja...

O procurar em comum linhas de acção faria amadurecer as pessoas, aproximaria posições julgadas inconciliáveis ou distantes, ajudaria comunicação e troca de experiências...

Condições para que tal se verifique:

a.Estruturais: deve haver Secretariado diocesano de Pastoral (3 insistem)

b.A nível de várias responsabilidades:

tomar a sério o trabalho e quem trabalha, sem superficialidade nem pressa nem atrasos  
qualquer conclusão positiva seja tomada como etapa e não como ponto de chegada  
neste sentido, programar como que um caminho por etapas com mini- verifica ou aprofundamento sobre um tema por cada ano

c.A nível pessoal:

renunciar a dogmatismos pastorais  
não se considerar "rei" no próprio território...

## **2ºe3ºRespostas**

O que sobressai:

-atenção à Palavra:

por uns considera-se eficaz, como que o primeiro sacramento, na linha do que vem, por ex., em 1º,2,b

-exigências e necessidade de maior conhecimento:

+da própria Palavra em si  
+das situações que originaram os vários documentos ao longo da história da salvação  
+de como a Palavra responde aos problemas insurgentes ao longo do caminho da Igreja, desde o seu nascer (referência às comunidades neotestamentárias e às primeiras "inculturações" da mensagem)

-exigência e necessidade de maior conhecimento da realidade religiosa-cultural-social, em suma do contexto existencial em que a Palavra encontra os homens e os grupos humanos a que é anunciada.

Sensação de que ainda estamos a trabalhar como que "de fora", com perigo de edificar sinais sem significado e de impor em vez de que libertar...

-constatação de que pouco ou nada foi feito a este respeito

+por defesa dos próprios interesses (?)

+por rigidez "dogmática (1 resposta) de algumas posições pastorais (??)

+por condicionamentos não reflexos que nos levam a reproduzir nossa precedente experiência eclesial

+por falta de conhecimento dos destinatários do anúncio

+++Tudo o que se refere a esta preparação e subsequente formação permanente como também à formação dos colaboradores etc. e que vem apontado nas linhas de 87 é reafirmado como sendo de primária importância; trata-se de procurar, encontrar e realizar propostas práticas de actuação e de verificação progressiva, sem esperar a papa feita por mamã diocese mas também com a necessária e oportuna solicitude, como também com realismo por parte da mesma.

## Relatório final

O presente relatório refere-se, em linha de máxima, às etapas do trabalho da Comissão que preparou esta Assembleia e aos pontos salientes que a própria Comissão leu como emergentes das respostas que os missionários deram aos vários questionários; nele ficam também apontadas as propostas avançadas pelos Delegados dos Sectores e pelas Comissões Diocesanas.

### 1. Primeira parte: Revisão:

- A. breve histórico
- B. procedimento do trabalho
- C. elementos salientes emergidos

### 2. Segunda parte: Conclusões e propostas

## 1. REVISÃO

### A: Breve histórico

Já na reunião do Conselho Prebiteral de 7.6.89, falando da possível planificação do ano pastoral de 89-90, avançou-se uma primeira proposta exprimida na pergunta: "preparação e realização da 2ª assembleia do P. Missionário? Ou divulgação sistemática e maior aplicação prática das Linhas Pastorais comuns já promulgadas em 1988?", chegando a concluir que as duas coisas eram complementares e que se devia verificar o caminho feito e impulsionar o caminho em conjunto segundo tais linhas.

O Vigário Geral, na carta de 29.11.89 aos Delegados dizia: "Para se ir ganhando tempo na conveniente preparação da Assembleia Geral de Missionários (30 de Abril-2 de Maio 90), era útil que cada Sector começasse já a dar resposta à seguinte interrogação: QUE INFLUÊNCIA REAL TIVERAM AS LINHAS PASTORAIS COMUNS, APROVADAS EM 1987, NA MINHA MISSÃO OU PARÓQUIA? (O mesmo é dizer: O que é que mudou na minha Missão ou Paróquia após a aprovação dessas linhas pastorais comuns?). A proposta visa, portanto, começarmos a examinar honestamente a situação de facto em que nos encontramos."

O Conselho Presbiteral na reunião de 6.12.89 por sua vez dizia: "Realizando-se em Maio do próximo ano a Assembleia Geral do pessoal missionário e centrando-se ela nas Linhas Pastorais Comuns já aprovadas, o CP achou bem encarregar o P. José Fumagalli... que presidiu à Comissão que levou às Linhas Pastorais Comuns, de assumir essa responsabilidade. Ele, por sua vez, contactará os restantes elementos da anterior Comissão para o ajudarem na preparação desta nova reunião...." acrescentando o Pe. Maurizio Fioravanti como ligação com o Grupo dinamizador do Ano Pastoral especial.

Outra vez o Vigário Geral, na carta de 10.12.89 aos membros da precedente Comissão, assim se expressava: "Como essa Assembleia se debruçará fundamentalmente sobre a situação em que nos encontramos em relação às Linhas comuns de Pastoral, o Conselho Presbiteral etc. etc...."

Era suficientemente claro o facto que se tratava de fazer uma revisão acerca da nossa situação em relação a tais linhas. Era claro também que se pretendia que isso tudo se fizesse dentro do limite fixado: a Assembleia teria lugar de 30 de Abril a 2 de Maio de 1990!...

Em 24 de Fevereiro de 1991 (cfr. anexo 1) o Senhor Bispo, falando de "Comissão preparatória da segunda Assembleia do Pessoal Missionário", nomeou a Comissão preparatória nos seguintes membros: Pe.G.Fumagalli, Pe.A.Darci, Pe. M.Baruffaldi, Pe.M. Fioravanti e Irmã Maria Cifelli.

Como trabalho preliminar foram feitas três reuniões para assentar finalidade, âmbito e limites do trabalho a fazer, como vem na carta de 14 de Março de 1990 dirigida a todo o pessoal missionário. Logo na reunião sucessiva, quando se deu início ao trabalho propriamente dito, a Comissão ficou reduzida de um membro na pessoa do Pe.Mario Baruffaldi.

#### B.Procedimento de trabalho

Apesar de termos adiado a realização da Assembleia que num primeiro tempo nos tinha sido pedida para fim de Abril de 1990, o trabalho foi cerrado e às vezes pesado, por razões óbvias, como também pelo sistema de trabalho, que se quis realizar em conjunto com a base.

Enviámos assim quatro questionários percorrendo os pontos principais das linhas pastorais comuns concordadas em 87.

#### C.Dados estatísticos

Juntamente com as sínteses das respostas chegaram às vossas mãos, sucessivamente, nos tempos respectivos, então já os conhecem.

Igualmente receberam a seu tempo as respostas dos Sectores e das Comissões Diocesanas.

#### c.Elementos salientes emergidos.

Através destes elementos resultam evidentes:

- por um lado um certo caminho feito
- por outro lado
  - . uma avaliação do que ajudou a caminhar e do que travou
  - . como também umas exigências que se evidenciaram ao longo do próprio caminho como "as mais urgentes"

a) Na maioria dos casos houve uma caminhada feita ajudando-se com as linhas iniciais apontadas em 87, especialmente no que diz respeito a:

-Criação de Comunidades vivas, dando possivelmente uma pequena estrutura interna com responsáveis e outros agentes devidamente formados.

-Família....

-Formação de catequistas adultos, residentes nas comunidades, com atenção particular à formação permanente sua e dos demais colaboradores

-Uma forte preocupação, por parte de poucas missões, de dar uma estrutura unitária ao itinerário de formação catecumenal dos adultos, consoante a realidade da Guiné Bissau; a nível de Sector conseguiu-se algo só em Bissau.

-Experiência positiva dum "caminho" feito em conjunto entre algumas missões

-Tentativas de conhecimento das realidades culturais locais

b) Muitos sentem que são horas de avançarmos no trabalho de completar as linhas de pastoral que queremos sejam comuns, para chegarmos a determinar uns princípios dum plano pastoral da nossa diocese; uns pretendem até que se saia desta Assembleia com um plano pastoral feito....

c) Outros aspectos que se podem definir menos positivos evidenciados neste caminho de revisão parecem ser os seguintes:

-a falta de informação, de entendimento e de colaboração entre os cinco Sectores de Pastoral, influenciou de maneira negativa o caminho em conjunto da Diocese: talvez porque não resultou clara a finalidade da criação dos próprios Sectores.

-A falta dum ponto de referência ao "centro"

-Foi observado também numas respostas aos questionários que as linhas pastorais comuns, concordadas em 87, apareceram em 88 numa forma que não ajudou nem a sua compreensão nem a sua aplicação.

-Nota-se também que é normalmente ausente nas avaliações a referência a elementos concretos da cultura local

...

## 2 Conclusões e propostas

A este ponto trata-se de tirar umas conclusões do trabalho de revisão feito e de avançar umas propostas sobre o que devemos fazer.

Pretendermos fazer um trabalho completo nesta Assembleia de forma a chegarmos a ter um "plano pastoral" bem feito parece não ser possível no curto tempo a disposição. Os argumentos que foram levantados são muitos e ainda sobram os que devem sem dúvida aparecer.

Aliás sabemos pela experiência precedente que chegar a um ponto que nos parece conclusivo do trabalho, votando e promulgando, acaba por trazer consigo a tentação de parar e até esquecer...

Vai então a proposta da Comissão Preparatória para, nesta Assembleia, assentarmos em bases sólidas a organização e o começo do trabalho que, assunto por assunto e em prazos que vamos definir, nos levará a evidenciar, discutir e experimentar as que virão a ser as linhas e os organismos para um Plano Pastoral tanto quanto possível completo.

Trata-se do que podem ver no anexo 5.

Porquê esta escolha e esta estruturação dos argumentos? Porque recolhemos e organizamos os pontos em que mais bateram nas suas respostas, que aliás estão bem patentes na realidade que lemos no dia a dia; até que coincidiram com as propostas que vieram dos Sectores e, por fim, em muitos dos pontos avançados pelas Comissões e organismos diocesanos que responderam à nossa solicitação.

Limitamo-nos a sintetizar e organizar tais pontos como que em assuntos que os unifiquem, para que, juntos, possamos reflectir sobre o que por todos nós foi pensado, sentido e proposto.

Fizemos isso na tentativa de oferecer uma proposta de trabalho inicial que ofereça garantias de ser desenvolvido no futuro, ano por ano, se esta será a escolha que iremos fazer na presente Assembleia.

Assim:

1-Logo pelas respostas ao primeiro questionário, apareceu clara a necessidade de uma **formação específica e permanente do pessoal missionário**; formação que se articula em duas direcções:

a)os conteúdos do anúncio e tudo o que se lhe refere no campo espiritual, teológico, eclesiológico, litúrgico, missionário e pastoral;

b)a necessidade do que chamamos "inculturação" e que, talvez em palavras mais pobres, mas com mais realismo, pelo que nos compete a nós, podemos descrever como "atitude humilde, respeitosa e perseverante de escuta, pesquisa, discernimento para aprendermos a conhecer língua, costumes, valores e contravalores das pessoas e dos grupos de pessoas que somos chamados a fazer encontrar com Cristo, procurando compreender seus anseios profundos, suas respostas parciais, para podermos apresentar na devida luz a resposta que Cristo oferece".

2-Entrando mais no vivo do nosso trabalho missionário, o que nos pareceu polarizar e dar unidade à maioria das propostas e dos "desiderata" é a preocupação de edificarmos **comunidades vivas**.

A afirmação é velha: foi um dos primeiros "postulados" da fase precedente da pesquisa sobre linhas pastorais comuns (cfr.LP.II,1). Mas, através da experiência destes últimos quatro anos, adquiriu ainda mais força pelo facto de vermos agora florescer mais carismas, aparecer mais serviços naquelas que eram então pequeninas comunidades nascentes; o que reforça a consciência comum de estarmos na fase da "plantatio ecclesiae", fase que nos interpela a nós todos:

. os cristãos (ou simplesmente "baptizados") de velha data, para que se dinamizem e rejuvenesçam;

. os pequenos grupos iniciais ainda em fase de primeiro anúncio ou de primeira evangelização, para que se animem, vendo à sua frente o caminho aberto e experiências a que se podem inspirar;

. os que lidam com comunidades em fase de estruturação e de maturação, para que proporcionem a devida formação e "rodagem" aos portadores de carismas que nelas surgem: Catequistas, in primis, animadores familiares, animadores vocacionais, animadores litúrgicos, responsáveis e operadores das várias actividades educativas, de promoção humana, assistenciais, etc e, por fim, mas não menos importantes, os Responsáveis de Comunidades, cuja formação adequada nos permite a nós, padres, freis e irmãs, recuperarmos, ao lado dum laicado formado, consciente e dinâmico, o nosso lugar específico, respondente ao carisma que nos é próprio, sem "compendiar", "resumir" ou melhor "apropriarmonos" de carismas que se encontram mais à vontade nos próprios leigos.

Mais espaço aparece assim para que surjam e cresçam mais operários para esta vinha, que irão brotando daquilo que representa a célula fundamental da comunidade como da sociedade e o terreno privilegiado de cultivo das vocações até "especiais": a Família Cristã, "lugar particularmente privilegiado para dar a conhecer ao mundo o valor salvador do Evangelho" (J.P.II, Omilia Bissau 27.1.90, n.7).

3-Para que estas comunidades vivas apareçam há uma condição indispensável: uma formação gradual e séria, que é o **Caminho da iniciação cristã dos adultos**, indicado já pelos Padres dos primeiros séculos como "Escola de vida cristã", de maneira particular na sua parte central, que se refere ao Catecumenato; porque é na formação catecumenal que são lançadas as bases do futuro cristão, através duma conversão radical a Cristo e da aceitação da Igreja na sua Missão de salvação.



É a preocupação dos Sectores e de todas as Missões da Guiné, como se depreende pelas respostas aos questionários de revisão como pelas propostas das Comissões diocesanas mais intimamente ligadas com a acção pastoral. (cfr. anexo 3)

É por isso que pusemos o ponto 3 no segundo momento do procedimento do nosso trabalho.

Não podemos esquecer, abordando o estudo deste argumento, que tudo o que se refere à iniciação, presente em todas as etnias da Guiné, reveste uma importância preponderante na vida social.

4-O ponto 4 do anexo 5 penso não necessite de muita explicação: todos percebemos quanto seja fundamental a **correspondência entre Liturgia e catequese, liturgia e pastoral** e quanto o canto sacro em geral e litúrgico em particular, especialmente neste contexto cultural, seja veículo de evangelização e instrumento de formação....

5-Pela leitura da realidade em geral, pelos vossos pedidos directos e indirectos e especialmente por todo o caminho de revisão que fizemos em conjunto emergiu também uma atenção à necessidade de um mínimo de estruturação da Nossa Diocese:

. foi notado que as linhas pastorais precedentemente adoptadas não chegaram de corresponder àquilo que desejávamos por várias causas que não vamos enumerar aqui, umas delas estruturais

. houve como que um chamar responsabilidade à "Diocese" por qualquer, por assim dizer, falha na aplicação das linhas adoptadas, a qualquer nível aparecesse, de Sector ou de paróquia...

. enfim, a nível de pessoas e de Sectores há um pedido geral para que se ponha a funcionar uma **estrutura geral da Diocese** que garanta coordenação e unidade do nosso trabalho. É o que apresentamos à vossa análise e aprovação no número um do procedimento de trabalho apontado.

Aqui acaba este relatório da Comissão Preparatória. Agradeço meus colaboradores pelo trabalho que fizeram com notável acréscimo de esforço acima do que já lhes requer o serviço ordinário a suas Missões. Agradeço o Pe. Vigário pelo apoio e a colaboração que sempre nos prestou. Um agradecimento também a todos os que, singularmente ou com suas comunidades, se empenharam em reflectir e fornecer respostas, avaliações e propostas quando as solicitámos.

Tudo o que, juntos, conseguimos preparar, está, sintetizado, nas vossas mãos. Pedimos que não sejais apressados em julgar tal resultado, mas sim que, por ele (grande ou pequeno que vos pareça) vos deixeis positivamente estimular a um trabalho em conjunto; ao longo do qual não devemos perder o sentido dos nossos limites e aceitar, realisticamente, de trabalhar por graus, mas com seriedade, continuidade e progressão.

Bom trabalho, e que Deus nos ajude a todos.

Bissau, 17 de Junho de 1991

A Comissão Preparatória:

Pe. Giuseppe Fumagalli, Presidente \_\_\_\_\_

Pe. Alves Darci \_\_\_\_\_

Pe. Maurizio Fioravanti \_\_\_\_\_

Irmã Maria Cifelli \_\_\_\_\_

## Pontos para escolha de prioridades a curto prazo

### 1. Formação permanente.

Reafirma-se que o curso inicial de preparação logo à chegada à Guiné não basta. Propõe-se que haja

a) Por um lado uma atitude humilde e perseverante de escuta, pesquisa, discernimento e tentativa de conhecer pessoas e povos a que somos enviados, (concretizada com escolhas operativas) a nível pessoal, de comunidade missionária, de Sector e de Diocese, condição primária para uma sã inculturação;

b) Por outro lado, cursos e encontros periódicos sobre disciplinas bíblicas, teológicas, litúrgicas, pastorais, de etnologia religiosa etc.

c) O estudo das línguas locais continua sendo uma exigência fundamental para a realização plena do carisma missionário assim como para uma autêntica "plantatio ecclesiae". (Quais as escolhas operativas a concordar?)

### 2. Comunidades vivas.

Foi reafirmada a necessidade de criarmos comunidades vivas que saibam viver e caminhar como Igreja, proporcionando aos singulos a possibilidade de realizar sua caminhada cristã; acha-se necessário que venham também a ser dotadas duma pequena estrutura interna com responsáveis e demais agentes devidamente formados; por isso exige-se

a) que se formem catequistas adultos residentes nas comunidades ( LP.A,I,4), com atenção particular à formação permanente sua e dos demais colaboradores, (v.g. Catequistas, animadores familiares, animadores vocacionais, animadores litúrgicos, responsáveis e operadores das várias actividades educativas, de promoção humana, assistenciais, etc e, por fim, mas não menos importantes, os Responsáveis de Comunidades); com algo de estrutural que nos proporcione a possibilidade de a realizar (p.ex. catequistado, "escola de teologia" a qual pode ter valor só se tiver um cunho mais aderente à situação, v.g. com formação bíblica, litúrgica e catequética). Nas propostas da CDC vem, a este respeito, a proposta de se preparar um "compêndio de textos para formação dos catequistas".

b) que tenhamos uma atitude de particular discernimento dos carismas que surgem nos elementos das nossas comunidades, de forma a serem garantidos serviços, ministérios e liderança necessários à vida e ao desenvolvimento das Comunidades Cristãs.

c) que se reforce a atenção primária à família cristã como um dos pilares e célula fundamental da comunidade na sua vida e no seu testemunho na sociedade. (cf. João P.II, Omilia, 7, Bissau, 27.1.1990).

### 3. Iniciação Cristã dos Adultos.

A consistência e o futuro das Comunidades, visto estarmos num meio ambiente pagão, em situação de Igreja nascente, depende em grande parte da seriedade com que se realiza o itinerário de Iniciação Cristã dos seus elementos, principalmente adultos.

Disso a Igreja nos oferece o ritual e os princípios que o sustentam.

Propõe-se

a) que a nível dos Sectores e em toda a Diocese se definam linhas comuns sobre a Iniciação Cristã dos Adultos, nomeadamente no que se refere a

-linhas mestras para o primeiro anúncio e apresentação dos conteúdos doutrinários

-etapas e aquisição dos requisitos, como também aos sinais correspondentes

-estruturação e adaptação dos ritos propostos pelo OICA.

b) que tal trabalho seja feito a partir das experiências feitas e do material (de carácter linguístico, catequético, litúrgico etc.) recolhido a nível de Missões e de Sectores.

#### **4.Liturgia.**

Toda a actividade de evangelização e de pastoral, como também a vida e o testemunho da comunidade cristã encontra o seu "culmen et fons" na acção litúrgica.

Por isso

a) propõe-se que se envidem esforços a todos os níveis para que se chegue a haver forte correspondência entre catequese e liturgia (ex. canto e suas várias expressões, omilia, língua na liturgia, sinais e ritos etc...)

b) propõe-se que não sejam mais adiados o completamento e a revisão dos textos litúrgicos em língua nacional (Missal, leccionários, rituais etc.).

#### **5.Evangelização e promoção humana**

Encontrar o equilíbrio e a concordância entre evangelização e promoção humana, superando a dicotomia que parece existir.

Com a criação do Secretariado Diocesano de Pastoral o problema poderá ser melhor solucionado.

+Quanto ao assunto ORGANIZAÇÃO DA DIOCESE:

- DELEGADO: figura, deveres, funções, poderes, garantias
- SECTORES de pastoral: sua fisionomia e estatutos
- COORDENAÇÃO COMISSÕES (ou secretariados?)
  - a nível de Sectores
  - a nível de Diocese
- SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL (Idem para os Sectores?)
- Como e quando chegar ao CONSELHO PASTORAL (De Sector; Diocesano)
- .....

+ASSUNTOS SALIENTES emergidos pelos questionários( entre os quais foram assumidos os que vêm no relatório e nas pistas propostas para discussão pela Com. Prep.):

- 1.Iniciação cristã, de adultos e crianças (catecumenato, sacramentos, baptismo bebés)
- 2.Realidade tradicional:
  - como estudá-la
  - como topamos nela especificadamente (quais influxos positivos e negativos exerce na actuação pastoral, nas escolhas e no estilo de vida de indivíduos e comunidades?)
- 3.Comunidades e paróquias: seu nascimento, crescimento, organização: carismas, ministérios, estruturas
- 4.Formação dos colaboradores e do laicato em geral
- 5.Catequese em geral: sacramental, d perseverância e de recuperação dos cristãos afastados
- 6.Pastoral familiar: conscientização, famílias como colunas das comunidades; preparação ao casamento; vivência do sacramento do matrimónio...
- 7.Pastoral vocacional
- 8.Pastoral juvenil
- 9.Liturgia e canto: como expressão da fé, como proclamação da mesma, como factor de unidade etc...
- 10.Momentos de unidade a nível de Sector e de Diocese
- 11.Promoção humana e pastoral social.Encontrar o equilíbrio e a concordância entre evangelização e promoção humana, superando a dicotomia que parece existir.

12. Formação permanente do pessoal missionário: cursos de teologia fundamental; melhor aprofundamento da etnologia religiosa; melhor leitura da Palavra de Deus, à luz de circunstâncias particulares

13. O caminho de "Inculturação" (ou melhor: conhecimento da realidade cultural

-para que os "sinais" cristãos não sejam vazios de significado

-para não criarmos algo que condicione as pessoas em vez de as libertar

-para não trabalharmos como que "de fora", sem conseguirmos entrar na vida do povo

14. Educação e educadores católicos, presença na escola...

15. Considerar o trabalho da Assembleia como etapa, para ulterior caminhada. Um tema específico por cada ano para verificar.

## Proposta para a organização da Diocese

Comunidades cristãs: são as células da Igreja Particular da Guiné Bissau. Nela nascem, florescem e são reconhecidos os vários carismas que o Espírito, mais cedo mais tarde, suscita. Deveriam ter um conselho de comunidade com Responsável da mesma.

Missões e paróquias: (esclarecer a terminologia): é nelas que as várias comunidades são reagrupadas, com a presença de Responsáveis postos pelo Bispo. Fixa ou pelo menos com frequência regular, a presença do Presbítero, que garante a vida sacramental.

(Responsável pela pastoral pode ser outrem a não ser o padre? Parece se deva esclarecer este ponto.)

Nas próprias Missões e paróquias suficientemente formadas existem os encarregados das várias secções do trabalho pastoral, n como catequese, pastoral familiar, pastoral vocacional, pastoral juvenil, caritas etc.etc., confluindo, por representantes ou doutra forma, num "Conselho paroquial", no qual, como é intuível, sejam representadas, de qualquer maneira, instâncias de todas as comunidades que pertencem à própria Missão ou Paróquia.

Sectores de Pastoral: são reagrupamentos de Paróquias ou Missões por vizinhança ou afinidade ou facilidade de comunicação ou consistência numérica (os critérios iniciais foram os da Comissão da Catequese em 1985).

Cada Sector é chefiado por um Delegado do Bispo para a Pastoral do Sector, nomeado pelo Bispo, normalmente entre os que foram apresentados pela base. (se deverá a certo ponto ver quem é que teria direito de votar, uma vez que haja Comissões com leigos e, eventualmente, um Conselho de Sector constituído; deveria continuar a ser, indefinidamente, o "pessoal missionário", clero e freiras e mais nada?...)